



# Práticas pedagógicas: trocas, revelações e afetos

Vera Rodrigues

## Resumo

Este texto propõe uma reflexão sobre algumas práticas pedagógicas que possam contribuir para uma dinâmica educacional dentro e fora dos limites da escola. A narrativa da experiência vivida pela professora, alunos, familiares e técnicos nos mostra como um planejamento pode ir além do que se objetiva como conteúdo apreendido, envolvendo todos que podem ser responsáveis por atos de educação e processos de aprendizagem.

## Abstract

This text proposes a reflection on some pedagogical practices that can contribute to an educational dynamics inside and outside the limits of the school. The narrative of the experience lived by the teacher, students, family and technicians shows us how planning can go beyond what is perceived as seized content, involving all who can be responsible for acts of education and learning processes.

**Palavras-chave:** práticas pedagógicas, arte, educação.

## Introdução

No ano de 2014, meu primeiro no Colégio Pedro II, posso dizer que um projeto voltado para as Artes Visuais se destacou no campus Realengo I, dentre várias atividades que deram muito bons resultados confirmados durante a Mostra Pedagógica de 1º de novembro.

O projeto começou com a timidez de iniciante, mas cercado da vontade de experimentar como a relação de trocas pode estar presente nas propostas educacionais e nos processos pedagógicos. As mediações que estão presentes nos encontros entre as bagagens culturais trazidas por cada sujeito envolvido nessas relações – que nem sempre são encontros tranquilos, mas de embates – podem e devem ser iniciadas por qualquer um desses sujeitos.

Acredito ser essa a principal tarefa do professor: reconhecimento e permissão das trocas de saberes.

### **Visitando o Centro do Rio de Janeiro: reconhecimento e identificação**

Parafrazeando Michel de Certeau, que diz que passamos o tempo vendo no visível o que não sabemos que vemos, eu acrescentaria que passamos o tempo escutando no silêncio o que não sabemos que escutamos, ou o que não queremos saber. Consequentemente, levamos muito tempo para aprender a escutar e a observar, para depois analisar e interpretar os passados individuais e também, porque não, a partir deles, nossas vivências pessoais. (MEYER, 2009, p.43)

O projeto propunha algumas saídas pedagógicas diferenciadas e organizadas pela equipe de Artes Visuais: todas as turmas eram convidadas a participar e a diferença é cada família, por sua conta, levaria sua criança e seria responsável por ela durante o encontro. As saídas seriam propostas em sábados, fora do horário escolar. Foram convidados também professores, gestores e técnicos do *campus* que se interessassem em participar. A primeira proposta foi uma caminhada pelo Centro da cidade do Rio de Janeiro. Marcou-se um ponto de encontro e de partida: Praça XV de Novembro em frente ao Paço Imperial. Foi escolhido o primeiro sábado de setembro, dia 6.

Para minha surpresa, a adesão foi bem grande. Era um sábado ensolarado, bem característico de uma primavera carioca. Não dá para se saber se isso contribuiu ou não para o comparecimento de cerca de cem pessoas ao encontro. Todos pareciam bastante animados com a promessa de novos olhares e percepções sobre uma paisagem que não era observada por eles: olhares histórico, artístico e cultural.



Nosso ponto de partida, em frente ao Paço Imperial, na Praça XV de Novembro.

Fotografia de acervo pessoal.

Conforme o roteiro planejado, o Paço Imperial deu início ao trajeto. Eu falei um pouco sobre a história do Paço, sua arquitetura e seus arredores e as pessoas olhavam as paredes, as janelas, a localização e a presença de um mar que não se vê mais como na época de sua construção. A Família Real chegou e partiu daquele local onde havia um porto que foi consumido por outras construções que preencheram o espaço sobre um mar que, hoje, pisávamos nele. Pudemos, então, conversar sobre as paisagens naturais e as modificadas pelo homem, sobre como essas paisagens podem ou não interferir em nossas vidas, sobre como elas são projetadas e como convivemos com tais modificações. Quantas vezes aquele Centro foi transformado em benefício do progresso da cidade? Lembram do viaduto da Perimetral e a polêmica causada pela sua derrubada? O que aconteceu com as reformas do Porto e os transtornos causados? Essas obras, modificações, valeram ou valerão a pena? Caminhamos ao encontro de Mestre Valentim e seu chafariz. A surpresa de Mestre Valentim. “Onde está o chafariz?”. As crianças e os adultos procuravam pelo chafariz e não o encontravam. Vinham as perguntas sobre sua localização e eu apontava para ele, mas as pessoas não o viam. Enquanto isso, eu admirava sua presença agora mais forte depois que derrubaram o viaduto da Perimetral. Finalmente, Mestre Valentim tomaria de novo seu lugar no espaço aberto e limpo da paisagem. Eu continuava apontando e tentando chegar mais próximo a ele. “Mas aquilo é um chafariz? Eu estava procurando um chafariz que jorra água.” “Cadê a água?” “É um chafariz fechado? Como podemos chegar até a água?”. Conversamos sobre a função de um chafariz na época de Valentim e sobre a sua arquitetura. Havia algumas simbologias naquela construção que mereciam ser mencionadas. Eu falei sobre os degraus ainda existentes ao lado do chafariz e de novo o espanto da presença do mar. “Como assim, o mar chegava até aqui?” “Então, estamos caminhando sobre o mar?” Foram muitas perguntas, muitas descobertas e redescobertas. Várias pessoas confessavam que passavam por ali há anos e nunca tinham visto aquele chafariz. Ou melhor, nem sabiam que aquilo era um chafariz quando conseguiam ver a construção por baixo da antiga Perimetral que havia sido demolida há pouco tempo.

Dali, fomos ouvir um pouco da história contada pelos objetos da feira de antiguidades existente na Praça XV. Famílias e crianças falavam sobre suas histórias em relação a vários objetos ali presentes: aparelhos de telefones, máquinas de escrever, discos em vinil, vitrolas ou toca-discos, rádios antigos, luminárias, máquinas de costura etc. As crianças perguntavam

para que serviam e os adultos tinham alguma coisa a ser dita sobre algum objeto. Trocávamos histórias e vivências, recordações, curiosidades. “Nossa! É um banco antigo do Pedro II. Eu me sentei um dia num desses.” E mais fotografias para registrar os momentos. Fotografias digitais diante de antigas máquinas fotográficas. Foi encontrada uma máquina de fotografia Polaroid. “Mas, o que é isso?” “Como assim, a fotografia saía daí de dentro em papel na hora? Agora ela fica dentro da máquina ou do celular.” Mais histórias, mais vivências, mais vontade de falar, de contar o que se conhece e como era a relação com aqueles objetos.

Ao recuperar essas vivências, podemos analisá-las, interpretá-las e compreendê-las; talvez até perdoá-las. O que não podemos, não devemos, é ignorar as histórias, esquivar-nos do passado, relegar os mortos e seguir caminhando em frente, sem remorsos, livres de toda culpa. Estivemos dispostos a enfrentar empecilhos e surpresas, vencer obstáculos, infâmias, fracassos, venturas e desventuras, para valer-nos de novas formas de ver o mundo, de entender nosso passado e construir o presente. (MEYER, 2009, p. 43)

Partimos para os Arcos dos Teles. Falar um pouco da arquitetura da época na qual aquelas construções surgiram foi o ponto principal. O grupo olhava para cima, para baixo, para os lados, paredes, janelas, igrejas, conservação, preservação, patrimônio, limpeza das ruas, tudo era comentado pelo grupo. Na nossa caminhada, deparamo-nos com algumas obras de arte expostas na rua. Grandes obras feitas em metal pesado que, por causa de seus recortes, pareciam mais leves. “Alguém pichou a obra. Isso não pode ser feito. Tem que respeitar a obra dos outros.” “Nós estudamos isso na aula de artes. Isso não é grafite, não.” “Mas a obra está enferrujando... não tem que conservar?” “Por que não está no museu?” “Ela cabe no museu?” Os comentários surgiam, questionando e conversando sobre o que era visto e percebido. Uma feliz surpresa aconteceu quando nosso grupo passava em frente à galeria Paulo Fernandes, na rua do Rosário. Um homem com um celular na mão chamava a atenção das crianças: “Quem quer falar com o artista?” As crianças olhavam meio surpresas e indecisas foram se aproximando da entrada da galeria. O galerista nos perguntou de onde éramos e demos um belo grito de guerra. Éramos Colégio Pedro II. “Muitas pessoas vieram nesse passeio. Digam um alô para José Resende que está aqui no celular.” Demos um grande alô. A exposição de José Resende acabara de ser montada para sua inauguração naquele sábado à noite. As crianças quiseram falar com José Resende. Enquanto isso, eu perguntei ao galerista se o grupo podia visitar a exposição mesmo antes de sua inauguração. De imediato,

ele pediu para as luzes serem acesas e abriu o espaço para nosso grupo. Visitamos José Resende antes de sua abertura. Falei um pouco dele para o grupo, mas achei melhor deixar o grupo absorver o artista em suas obras. Algumas crianças ainda foram conversar com o artista pelo “viva voz” do celular porque a tentativa de uma vídeo conferência não foi adiante. José Resende falou sobre seu processo criativo e diante da pergunta sobre aquelas obras expostas, ele falou do projeto e das razões para aquelas criações. Foi um ótimo presente para aquela manhã.

A jornada continuou até o ponto final de nossa saída: o CCBB com a exposição de Salvador Dalí. Pelo caminho ainda íamos nos deparando com construções como o Centro Cultural Correios e a Casa França Brasil. A chegada ao CCBB coroou uma manhã repleta de novas percepções e sensações. De degrau em degrau, subimos as escadas até Salvador Dalí. Algumas pessoas vieram me perguntar se eu faria uma visita mediada ou daria um roteiro para a exposição. Depois de tantas paradas e observações no trajeto até ali, acreditei que não haveria mais nada a dizer, somente sentir. Então, eu me virei para o imenso grupo e disse para ele fazer o roteiro que quisesse e fosse mais confortável para sentirem as obras porque havia informações em várias partes da exposição. Era só lê-las. “Há uma sala com vídeos da época. Quem quiser ver, é só entrar e sentar, se tiver lugar. Pode ficar em pé também.” “Vamos falar o que vier em nossas cabeças. Vamos deixar as obras entrarem em nossas almas e vivenciá-las simplesmente.” Crianças e adultos se aproximavam ora se afastavam para observar melhor as obras e, nessa coreografia, falavam sobre o que viam, o que não viam, se gostavam ou não, uma tem mais cor, outra parece até real. “Seria uma fotografia?” “Não. É uma pintura.” “Nossa, que maravilha.” “Mas presta atenção: como seria uma fotografia se essa cena jamais poderia existir?” “Ah! Então é isso que é surrealismo como a tia falou...” Ao final, já em ponto de despedida, no saguão do CCBB, onde cada família iria para seu destino, veio a pergunta: “Quando terá outro encontro como este? Quero participar e vou trazer outras pessoas. Posso?” “Foi um passeio que me fez ver coisas que eu conhecia mas não conhecia. Entende?” “Tenho que me acostumar a olhar as coisas com mais atenção e carinho.”

Em maio de 2015, fizemos outra saída. Agora, com um grupo maior, partimos do Museu de Arte do Rio até o Cais do Valongo, terminando nos Jardins Suspensos. Porém, essa é uma outra história...



Nosso grupo saindo do MAR rumo ao Cais do Valongo e as surpresas pelo caminho. Fotografia de acervo pessoal.

### **Avaliando o projeto...**

Essa experiência põe em prática um pouco daquilo que estudamos nos livros que nos falam sobre arte, educação, ensino, cultura etc. e marcou a importância das palavras de Paulo Freire, onde a aprendizagem acontece quando há algum sentido para quem aprende.

estudar é desocular, é ganhar a *compreensão* (grifo do autor) mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. (FREIRE, 2001, p. 264)

A saída para o Centro do Rio de Janeiro buscou o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu. A aproximação com os valores culturais e artísticos é muito importante para conseguirmos dar significados a esses valores. No entanto, não está na escola o principal papel para a efetivação desse *habitus*. Deve ser criada uma parceria entre escola e família para alcançarmos esse patamar.

Bourdieu acredita que o sistema de ensino juntamente com os sistemas culturais afirmam as condições sociais existentes na sociedade no lugar de extrapolá-las e modificá-las.

Em plano mais profundo, basta levar em conta a função de legitimação das diferenças sociais cumprida pelas diferenças culturais e, em particular, as diferenças que o sistema de ensino reproduz e sanciona, a fim de perceber a contribuição que as instâncias de conservação cultural trazem à conservação social, em sua qualidade de depositárias e guardiãs da legitimidade cultural. (BOURDIEU, 2003, p. 131).

Ao mesmo tempo, Bourdieu afirma seu conceito de *habitus* como a bagagem que adquirimos no decorrer de nossa história, de nossa existência, que estaria sendo mediada pela família, pela escola, pelas mídias e pelas relações sociais que vão nos envolvendo ao longo de nossas vidas. O conceito de *habitus* nos permite pensar em como cada indivíduo, tendo como referência sua própria história no mundo e suas relações sociais – consciente ou inconscientemente –, conduziria ou administraria as ações em seu cotidiano. Eu desejei despertar nas crianças e nos adultos a vontade de conhecer, valorizar e criar sentido e significado para o passado que nos pertence. São valores artísticos e históricos que se perdem porque não nos dispomos a segurá-los em nossas próprias histórias porque não temos o *habitus* de vivenciá-los. Ao criar significações para nossa história artística e cultural podemos, talvez, discordar de Bourdieu sobre a escola acabar legitimando as diferenças sociais com a seleção de suas práticas. A discordância viria do fato de estarmos dispostos a praticar os questionamentos e os embates que a arte nos expõe em suas produções no decorrer de sua história. Para isso, temos que ter uma bagagem que sustente nossos próprios embates e os transforme em armas que nos levem a refletir sempre sobre nossas ações.

Se para Bourdieu o contexto familiar é o responsável pelas aquisições de nossas referências culturais, ao convidar as famílias para esse encontro, pretendi criar nas famílias o desejo de vivenciar novos olhares e adquirir novas percepções, ampliando nossas referências culturais e artísticas que se estenderão às suas crianças. As crianças passarão a ver mais sentido e criar significações para o que aprendem na escola e nos livros. Passar a entender a existência da Arte em nosso entorno e ao refletir sobre ela, perceber seu contexto em nossa própria história política, social e cultural. O relacionamento com uma imagem para além de uma experiência apenas estética necessita que o sujeito tenha sua capacidade perceptiva mediada pelo “saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modelados pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma época, a uma cultura)”, conforme Aumont (1993, p.77) analisa. As imagens devem possuir um valor simbólico para conquistar os sujeitos nos mais diversos fins, inclusive o artístico. E o seu valor simbólico é “definido *pragmaticamente* pela aceitabilidade social dos símbolos representados” (idem, p.79).

Para além do que foi dito até agora, não podemos deixar de mencionar a memória histórica que se perde se não exercitarmos sua permanência. Enquanto vivemos a

efemeridade e o imediatismo – tão discutidos na produção artística contemporânea –, é essa memória que nos assegura um presente com os pés no chão para galgarmos a um futuro com mais criticidade sobre nossas ações.

A memória histórica se nos apresenta idealmente como âncora e plataforma. Enquanto âncora, possibilita que, diante do turbilhão da mudança e da modernidade, não nos desmanchemos no ar. Enquanto plataforma, permite que nos lancemos para o futuro com os pés solidamente plantados no passado, recriado ou inventado como tradição. Esta, por sua vez, toma o sentido de resistência e transformação. (LOVISOLO, 1989, p. 16)

### **Referências bibliográficas**

AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas; São Paulo: Papirus, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Série Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. Coleção Todas as Artes. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *Frequentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. Coleção Todas as Artes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2005.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*. vol.15; nº 42; 2001; p. 259-268. On-line. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. In *Estudos Históricos*. Vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989. p. 16-28.

MEYER, Eugenia. O fim da memória. In *Estudos Históricos*. nº 43. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 31-44.

### **Vera Rodrigues**

Graduada em Educação Artística pela UERJ, especialista em Gestão Cultural pela UnB e mestre em Arte, Cognição e Cultura pela UERJ, é professora de Artes Visuais no Colégio Pedro II. Foi administradora cultural na FUNARTE/MinC, onde coordenava editais no Centro de Artes Visuais e, na Fundação Getúlio Vargas, foi consultora em Artes Visuais para FGV Online e professora autora para FGV Médio.